

A ESCOLA INCLUSIVA E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA: APROXIMAÇÕES ELISIANAS

Ricardo de Figueiredo Lucena¹

Rayssa Maria Anselmo de Brito²

Resumo: Analisar a escola inclusiva buscando trazer aproximações a partir das contribuições das pesquisas e das concepções eliasianas, consiste em situar nossa pesquisa em um olhar para as figurações formadas no âmbito desta escola, sendo esta um estudo de caso, a qual tem como objetivo: compreender as aproximações possíveis de Norbert Elias - por meio de sua sociologia figuracional - com a escola inclusiva, a fim de refletir sobre as questões relacionadas à pessoa com deficiência, além de realizar um mapeamento do que já fora escrito envolvendo o processo civilizador e a pessoa com deficiência. Questionando-nos, sobretudo, se as concepções e os papéis assumidos pelos profissionais da educação de uma escola pública do município de Bayeux – PB estariam contribuindo no processo de inclusão da pessoa com deficiência. Destacando que as figurações entre estes são fundamentais, quando discutimos uma educação que se propõe a ser inclusiva.

Palavras-chave: Figurações. Escola Inclusiva. Pessoa com Deficiência.

Abstract: Analyze the **inclusive** school seeking to bring approaches from the contributions of researchs and of conceptions eliasianas, is to situate our research at the figurations formed within this school, being this a case study, which aims to: understand the possible approaches of Norbert Elias - through its figurational sociology - with the inclusive school in order to reflect on issues related to people with disabilities, and perform a mapping of what has been written involving the civilizing process and the disabled . Questioning us, especially if the concepts and the roles assumed by the teachers of a public school in the city of Bayeux - PB would be contributing in the process of inclusion of people with disabilities. Highlighting that the figurations of these are essential when discussing an education that aims to be inclusive.

Keywords: Figurations. Inclusive School. Person with Disabilities.

Considerações iniciais

Ao perceber que a chegada da Pessoa com Deficiência - PcD à escola pode ser interpretada como uma tentativa de negar a sua deficiência, abraçando um discurso de normalidade, baseado na busca de uma suposta “igualdade” entre os indivíduos, percebemos

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: cacolucena@gmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: rayssamtbrito@gmail.com

que em contrapartida tal aspecto pode ser considerado como um avanço, uma vez que a PcD é agora vista como sujeito de direitos, sendo quem é, e possuindo diferentes potencialidades.

Ao discutir a questão da normalização, Mantoan (2004, s/p) assinala que:

Por meio dos processos de normalização as escolas e instituições especializadas proclamam o seu poder e propõem sutilmente, com base em características devidamente selecionadas como positivas, a eleição arbitrária de uma identidade “normal” que regula as suas práticas educativas e a avaliações de seus alunos.

Observemos que a autora nos alerta à sutileza com a qual a escola pode vir a se relacionar com o aluno com deficiência, de modo a moldá-lo a comportamentos e características julgadas por estes como positivas e que pressupõem uma identidade considerada *normal*, quando na verdade tal escola deveria trabalhar no patamar das diferenças. Assim a mesma afirma que “assegurar o direito à diferença na escola é ensinar a incluir e, se a escola não tomar para si esta tarefa, a sociedade continuará perpetuando a exclusão nas suas formas mais sutis e mais selvagens”. (MANTOAN, 2004, s/p).

A Educação Inclusiva, nesta perspectiva é então compreendida como aquela que:

Atenta à diversidade inerente à espécie humana, busca perceber e atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma que se promovam a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos (CAMPBELL, 2009, p. 141).

Nesse sentido, compreendemos que embora os documentos oficiais apresentem a pessoa com deficiência como sendo “aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em integração com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade” (BRASIL, 2007, p. 9), preferimos percebê-las como sujeitos diversos e com diferentes potencialidades, assim, não nos deteremos sobre as limitações destas, contudo, lançaremos nosso olhar sobre o que pode ser construído a partir das condições que lhes conferem.

Entre os elementos fundamentais do fenômeno a ser estudado, ressaltamos os papéis dos profissionais da educação, sejam eles professores, gestores, equipes pedagógica e de apoio, assim como os discentes com deficiência, além das práticas dos primeiros para com este último grupo, o que nos permite inferir que, estudamos o triângulo didático, descrito por

Ferdinand Rohr (2007, p.56) da seguinte maneira: “se perguntarmos quais são os elementos fundamentais indispensáveis da educação como fenômeno humano, temos de elencar ao responder, no mínimo três: o educador, o educando e a tarefa educacional que liga os dois”. O que numa perspectiva eliasiana localiza-nos agora na relação entre eles e, não apenas, na figura de um deles em separado, mas na figuração que juntos estes formam, considerando que a educação se desenvolve como um processo social, o qual envolve diversos indivíduos situados em diferentes esferas da sociedade e de poder, tal como compreendemos nos processos sociais³, a partir de uma perspectiva eliasiana.

Entendemos por configuração o conceito Eliasiano, no qual mais do que analisar o indivíduo e/ou sociedade, separadamente, ganhamos agora a oportunidade de analisar as relações de interdependência entre estes, indivíduo e sociedade, conforme é elucidado:

Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderia nos arriscar a dizer, apenas como pluralidade, apenas como configurações. (ELIAS, 2011, p.249).

Nesta compreensão, partimos do pressuposto que por educador será compreendido todo aquele que possui a atribuição de, no âmbito escolar, educar, e por educandos aqueles que uma vez matriculados, recebem as atenções e os seus esforços pedagógicos visando o seu desenvolvimento.

Logo, inquietamo-nos diante das seguintes interrogações: Estaria a escola inclusiva contribuindo no processo de individualização da pessoa com deficiência? Como as inter-relações vividas no cotidiano escolar podem contribuir para a inclusão destas pessoas?

Feito isto, temos visto que apesar de outros trabalhos já terem sido realizados com uma temática próxima a esta, descobrimos na sociologia figuracional do sociólogo alemão Norbert Elias a oportunidade de perceber o presente objeto através de novas lentes, o que possibilitará uma nova compreensão deste fenômeno social.

Desse modo, o presente artigo nasce com o objetivo de compreender as aproximações possíveis de Norbert Elias - por meio de sua sociologia figuracional - com a escola inclusiva, a fim de refletir sobre as questões relacionadas à pessoa com deficiência, além de realizar um mapeamento do que já fora escrito envolvendo o processo civilizador e a pessoa com

³ Processos Sociais são compreendidos na ótica eliasiana como sendo “as transformações amplas, contínuas e de longa duração... de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de ascensão, a outra o caráter de declínio” (ELIAS, 2006, p. 27-28). A este respeito discutiremos melhor em um momento mais à frente neste mesmo estudo.

deficiência, buscando também uma possível relação entre Norbert Elias e as pesquisas sobre a temática da inclusão educacional.

Cabe salientar que a presente atividade, constitui-se também no início de nossa jornada enquanto pesquisadora (na figuração formada entre orientador-orientanda) num estudo teórico-analítico o qual se constitui numa primeira aproximação de minha dissertação de Mestrado em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Mapeando os achados teóricos

Buscando melhor nos apropriar de nosso objeto de estudo, consideramos importante realizar um mapeamento das pesquisas acadêmicas já realizadas envolvendo o fenômeno da inclusão educacional e os conceitos inerentes a uma pesquisa eliasiana. Assim, optamos por realizar tal pesquisa por meio do portal da *SciELO*, uma vez que este nos oferece a oportunidade de obter um panorama das produções a nível nacional e cuja credibilidade se faz imprescindível em uma pesquisa científica.

Logo, demos preferência por iniciar nossa pesquisa partindo de palavras-chave que apontassem ao contexto macro das pesquisas eliasianas, começando assim pela combinação *Norbert Elias e Educação*, o que nos permitiu compreender como esse autor vem contribuindo para pesquisas educacionais de um modo geral. Em seguida, restringimos nossa busca às pesquisas envolvendo *Norbert Elias e Inclusão* encerrando, por fim, com trabalhos que num contexto micro (ou seja, mais especificamente focado), envolvessem a “sociologia figuracional e escola” e/ou a “sociologia figuracional e a pessoa com deficiência”.

Achados sobre Norbert Elias e educação

Quando pesquisamos as palavras chaves *Norbert Elias e Educação* encontramos um total de sete artigos acadêmicos assim intitulados: 1- *A escolarização como projeto de civilização*, de Cynthia Greive Veiga; 2- *Educação, infância e leitura: contribuições da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias*, de Juliana Bernardes Tozzi; 3- *Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica*, de Maria da Graça Jacintho Setton; 4- *A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor*, escrito pelos autores

Dagmar Hunger, Fernanda Rossi e Samuel de Souza Neto; 5- *Família, escola e mídia: um campo com novas configurações*, de Maria da Graça Jacintho Setton; 6- *As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia*, de autoria da Carla Araújo; 7- *Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937)*, das autoras Liliana Müller Larocca e Vera Regina Beltrão Marques.

Em *a escolarização como projeto de civilização*, a autora Cynthia Veiga discute os conceitos de escolarização (a compreendendo como um dispositivo e não como um objeto, uma vez que a autora parte de uma concepção foucaultiana, isso porque “o autor elabora esse conceito de forma que possibilite outra forma de pensar-se os objetos e conceitos da História” (VEIGA, 2002, p.90).

Historiadora, Veiga utiliza-se de conceitos de Foucault e Norbert Elias, ressaltando aproximações e distanciamentos entre os dois autores, a fim de compreender como tem se dado o processo de escolarização no Brasil, concluindo seu trabalho ao discutir com as seis propostas para o próximo milênio, de Italo Calvino (1993), sobre os quais se apresentam: a preservação da leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade e a consistência, todos sendo aplicados ao contexto da educação.

Tozzi (2013) escreve sobre *Educação, infância e leitura: contribuições da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias*, para esta autora “as ideias de Elias oferecem mote a várias chaves de abordagem e de inspiração para o estudioso das questões políticas e culturais que acompanham o desenvolvimento das sociedades do Ocidente.” (TOZZI, 2013, p.130). Assim, a mesma discute conceitos eliasianos como civilidade, a partir de suas principais obras como *O processo civilizador*, *Introdução à sociologia* e entre outras, as quais a permitem analisar os livros destinados à infância como instrumentos de civilização, apontando por fim para leis nacionais, as quais regem as questões relacionadas aos livros (de um modo geral) na sociedade brasileira.

Ao lermos o trabalho da Maria da Graça Setton, intitulado *Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica* vemos que a autora busca estabelecer relações teóricas entre tais cientistas sociais, observando nestes o ponto convergente que seria a preocupação em compreender os aspectos ligados aos processos socializadores, observando, portanto, que ambos autores permitem “visualizar a noção de socialização ou as relações indivíduo e sociedade, com base em uma perspectiva dialógica, multidimensional e interdisciplinar.” (SETTON, 2013, p.206).

Outro trabalho também realizado por esta autora intitula-se *Família, escola e mídia: um campo com novas configurações*, no qual a autora objetiva refletir sobre a

particularidade do processo de socialização e de construção das identidades dos sujeitos no mundo contemporâneo. Para tanto, analisa os papéis interdependentes exercidos pelas chamadas instâncias socializadoras: a família, a escola e a mídia. Ao perceber que nem a família, nem a escola, possuem papéis fixos e estáticos frente à construção identitária dos indivíduos, a autora vem discutir a mídia como sendo um terceiro elemento a disputar pelo poder e, assim, novas relações ou configurações vão surgindo, propondo novos equilíbrios nesses gradientes de poder que emergem em nossa sociedade.

Já ao adentrarmos no trabalho dos autores Hunger, Rossi e Souza Neto, cujo título é *A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor* vemos que os autores buscam em Elias aporte teórico visando compreender o que vem a ser o professor por uma ótica eliasiana, trazendo assim, importantes contribuições deste sociólogo, sobre as quais destacamos as relações de poder presentes neste trabalho ao se discutir os jogos de poder, antes discutidos por Elias, agora trazidos ao contexto educacional. Logo, tais autores afirmam que “o professor é um ser eminentemente social e histórico” (HUNGER; ROSSI; NETO, 2011, p.699) e que, portanto, não pode ser observado e compreendido de modo isolado, pelo contrário:

[...] é inseparável do meio em que se encontra inserido; é um ser embriagado de cultura, e sua forma de pensar e agir são direcionadas, esteja ele consciente ou não, por suas percepções e manifestações diante do contexto sociocultural e histórico de seu tempo, que é fruto de todo um passado. (HUNGER; ROSSI; NETO, 2011, p.699).

O trabalho seguinte o qual analisamos intitula-se *As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia*, escrito por Carla Araújo (2001), no qual a autora desenvolve uma pesquisa participante numa escola do município de São Paulo, sendo esta destacada por vivenciar a violência em seu cotidiano escolar, o que permite a autora desenvolver uma discussão acerca do processo de construção de identidade bem como um entendimento do que seria juventude, entendida em sua pluralidade de possibilidades, observando jovens de uma comunidade periférica e percebendo o contexto de insegurança, ameaças e constantes violências, as quais estes estavam submetidos. A mesma conclui observando que embora o cenário nos faça desacreditar da instituição escolar como agente transformador, ela que por vezes é pouco percebida, acaba se tornando um ponto de encontro para tais jovens, encontro este que justificaria seus frequentadores mesmo havendo tanto aspectos negativos, conforme já mencionado.

Por fim, encontramos o ensaio *Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937)*, das autoras Liliana Müller Larocca e Vera Regina Beltrão Marques. Neste artigo as autoras inspiram-se nas ideias de processo civilizador de Norbert Elias para lançar um olhar histórico buscando compreender o papel da escola paranaense no período retratado. Para além do papel de transmissora de conhecimentos, a escola desta época deveria priorizar a formação de novos e higienizados cidadãos, assim de acordo com as autoras os investimentos deveriam estar em “cuidar, proteger e higienizar a infância, por meio da escola”, sendo esta “tarefa assumida com vistas à inserção do Paraná no processo de saneamento sanitário e social” (LAROCCA; MARQUES, 2010, p. 658).

Norbert Elias e inclusão

Ao utilizar as palavras chaves Norbert Elias e Inclusão, encontramos três trabalhos que faziam referência a esta temática, sendo eles intitulados: *Do espaço do sujeito ao espaço mundial: uma nova maneira de aprender a realidade*, escrito por Márcio Carneiro dos Reis; *Conflitos e tensões na produção da inclusão escolar de crianças pobres, negras e mestiças, Brasil, século XIX*, realizado por Cynthia Greive Veiga e *A relação família e escola em um contexto de escolarização do aluno com deficiência: reflexões desde uma abordagem sociológica figuracional*, trabalho realizado pelos autores Reginaldo Celio Sobrinho e Edson Pantaleão Alves.

Assim, vemos o trabalho de Marcio Reis analisando obras de Boaventura Souza Santos e Norbert Elias, a fim de propor a “inclusão no Mapa da Estruturação-Ação das sociedades capitalistas no espaço mundial de outros dois espaços estruturais nele não contemplados: o espaço do sujeito e o espaço do grupal” (REIS, 2002, p. 397). Cabendo ressaltar que para este autor a inclusão de ambos os espaços seriam importantes para se compreender uma realidade em movimento, justificando, pois, a necessidade por perceber que o Mapa da Estruturação-Ação, embora “se posta como uma alternativa à teoria do sistema mundial, que se baseia apenas em um macro-estrutura: a divisão mundial do trabalho” (REIS, 2002, p.407), não haveria menção a dimensão do “eu” e do “nós”.

Já em tratando do trabalho de Veiga (2010) vemos que a mesma objetiva neste ensaio “discutir o processo de inclusão das crianças pobres, negras e mestiças na escola elementar a partir da prerrogativa constitucional de extensão da escolarização a todos os cidadãos brasileiros” (VEIGA, 2010, p.263), para tanto traça como hipótese principal de seu trabalho:

[...] a precariedade do desenvolvimento da escola pública no Brasil, ao longo do século XIX, esteve associada à também precária condição de vida da população. Esse fato interferiu no entendimento quanto às possibilidades de escolarização das crianças pobres, negras e mestiças e quanto à qualidade de sua inserção social. (VEIGA, 2010, p.263).

Assim a autora busca nas proposições teóricas de Norbert Elias, conceitos ligados ao processo de civilização e as formas de estigmatização, percebendo que embora os discursos dos gestores entrevistados apontassem para a educação popular como condição primordial para o progresso e a civilização, observa-se que “a inclusão das crianças negras e mestiças nas escolas, os mecanismos internos de exclusão há muito estiveram presentes na história brasileira” (VEIGA, 2010, p. 282).

Sociologia figuracional e a escola

Por fim, ao realizar a pesquisa utilizando as palavras chaves *Elias e a Pessoa com Deficiência* ou *Sociologia figuracional e escola* encontramos apenas uma pesquisa já apresentada nas buscas anteriormente citadas, visto que o trabalho realizado pelos autores Sobrinho e Alves, constitui-se portanto, como sendo pioneiros no tocante às pesquisas eliasianas e a pessoa com deficiência, aspecto que corrobora com a justificativa por nós apresentada sobre a qual se reafirma a necessidade de mais estudos que busquem melhor compreender os fenômenos educacionais sob uma ótica eliasiana.

Desse modo, encontramos o trabalho intitulado *Escolarização de alunos com deficiência e as inter-relações família, escola e gestores públicos da educação especial*, no qual os autores Sobrinho e Alves (2014) apresentam os resultados de dois estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa “Formação de profissionais, práticas pedagógicas e políticas de inclusão escolar”. Neste ensaio, os autores objetivam “evidenciar as implicações do processo de ressignificação do conhecimento social relativo à educabilidade da pessoa com deficiência na inter-relação família, escola e gestores públicos da educação especial.” (SOBRINHO; ALVES, 2014, p.171).

Para tanto, os autores tomam como referência os pressupostos teóricos da sociologia figuracional desenvolvida por Norbert Elias, partindo, sobretudo, do entendimento deste autor sobre o que seria o conhecimento quando estes utilizam Elias (2005) para justificar o que este

define por conhecimento, o qual consiste no “processo de construção (e de consolidação) do conjunto de símbolos, compartilhados pelas pessoas num grupo de específico.”

Permanências e alterações: um caminho metodológico que se vai construindo

Conforme Fazenda (2001, p.15) “escrever é um hábito que vai sendo aprimorado apenas no seu contínuo exercício”, percebemos que ao ler e reler textos próprios nos leva a enxergar as minúcias a serem alteradas de modo a lapidar nosso objeto de pesquisa, e com a metodologia a qual estamos desenvolvendo ao longo de nossa dissertação de mestrado não é diferente.

Logo, pensando na realidade atual das escolas, percebemos que embora se questione o número de matrículas dos alunos com deficiência ao longo dos últimos cinco anos, o que se há em vista para ser analisado consiste em como a escola tem percebido a chegada da pessoa com deficiência e como tem se construído as relações nesse espaço figuracional que é a escola. Começamos a refletir sobre o questionamento central de nossa pesquisa e percebemos que nos indagamos sobre como as relações de interdependência entre os profissionais da educação e discentes com deficiência podem favorecer o processo de individualização destes últimos. Tomando como cenário de nossa pesquisa uma escola pública do município de Bayeux-PB, o que nos leva a delimitar o nosso trabalho enquanto Estudo de Caso, uma vez que segundo Robert Yin (1994, p.11, grifos nossos):

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real.

Desse modo, optamos por utilizar neste estudo duas estratégias para direcionar nossos escritos, no que tange tal fenômeno social: primeiro a pesquisa bibliográfica⁴, uma vez que iniciaremos discutindo os termos inerentes ao discurso da pessoa com deficiência, bem como contribuições teóricas do sociólogo Norbert Elias para, só então, adentrarmos no exercício

⁴ Cujo ponto de partida fora o mapeamento anteriormente apresentado.

reflexivo inerente à análise de conteúdo das entrevistas coletadas⁵ junto aos docentes sendo, portanto, esta última, a proposta metodológica propulsora de nossa pesquisa.

O que nos permite optar pela análise descritiva, uma vez que esta é:

[...] usada para descrever fenômenos existentes, situações presentes e eventos, identificar problemas e justificar condições, comparar e avaliar o que os outros estão desenvolvendo em situações e problemas similares, visando aclarar situações para futuros planos e decisões. (GRESSLER, 2004, p.54).

Para tanto, realizamos entrevistas semi-padronizadas, uma vez que é formada por: “perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal”. (BONI; QUARESMA, 2005, p.75).

Assim sendo, utilizamos como método para a análise dos dados, a análise de conteúdo das respostas recebidas nas entrevistas semi-padronizadas, uma vez que segundo Bardin (2011) ela é caracterizada como:

[...] a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro. Isto pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema. (BARDIN, 2011, p.107).

Assim, esperamos contribuir para que novos estudos sejam realizados, buscando resignificar o processo de individualização da pessoa com deficiência, analisando os avanços e retrocessos deste processo e buscando refletir sobre a importância destes novos espaços (neste caso específico: a escola), como espaço figuracional privilegiado para a socialização, bem como ao processo individualizador deste indivíduo.

Porém, reconhecendo que este é um caminho cujos passos ainda serão melhor firmados, à medida que nossa pesquisa vá alcançando horizontes mais firmes e sólidos.

⁵ Neste estudo trazemos nossas primeiras análises, além de realizar as primeiras inferências a partir dos recortes de falas apresentados.

Processo civilizador e de individualização: situando as questões relacionadas à pessoa com deficiência

Em Elias os processos civilizadores são considerados amplos contínuos e de longa duração. *Amplos*, à medida que abarcam toda a sociedade, desde as pessoas não-deficientes às pessoas com deficiência. *Contínuos*, à medida que não se concebe que uma sociedade tenha alcançado o *status quo* de civilizada, posto que os indivíduos em suas relações modificam os outros e a si mesmos gerando novos costumes continuamente, acreditando inclusive ser possível que os processos civilizadores são passíveis de avanços e de retrocessos. Percebendo como são tratadas as pessoas com deficiência, ora como sujeitos passíveis de serem sacrificados⁶ ou exclusões e ora como sujeitos considerados com seus direitos e deveres. E de *longa duração*, à medida que as mudanças nele percebidas ocorrem paulatinamente, de modo que o hoje concebemos por civilizado não é o mesmo que as sociedades atrás.

Todavia, o processo civilizatório não está restrito a um grupo menor unicamente, uma vez que para isto seria necessário isolar tais indivíduos desconsiderando as suas interligações a outros indivíduos e assim por diante.

No entanto, quando tratamos como a Pessoa com Deficiência - PcD se situa neste processo civilizador, estamos com isto buscando compreender o que mudou na sociedade como um todo, no tocante às questões ligadas a PcD, como a sociedade percebe a deficiência nos dias atuais, tendo em vista que atualmente não se concebe mais que indivíduos com deficiência sejam passíveis de serem sacrificados, pelo contrário, em contrapartida, aceita-se que o governo subsidie os custos referentes a este sujeito, o que consideramos como sendo um avanço, posto que, são deveres do Estado a preocupação e a manutenção dos direitos fundamentais como saúde, educação e moradia, direitos estes que uma vez expandidos a todos os cidadãos abarcam também a PcD.

Logo, o indivíduo com deficiência passa a ser visto como um ser humano, capaz de aprender e de modificar seus comportamentos, uma vez que em Elias (2008, p. 119) tais comportamentos são vistos como *o ajustamento a situações mutáveis*. E como esta nova compreensão gera novas concepções e novas reconfigurações e assim, paulatinamente, vai modificando toda a sociedade.

Ao atentar para o controle da violência, vê-se que o processo civilizador começa avançar, de modo que “em linhas gerais, o entendimento do sentido dado por Elias à ideia de processo civilizador é considerado por duas categorias básicas: poder e violência.”

⁶ De acordo com Glat et al. (2011, p.2) “sabe-se que em Esparta, na Grécia antiga, os indivíduos com deficiência eram cruelmente assassinados, arremessados de altos precipícios”.

(LUCENA, 2007, p.2), ou seja, o processo civilizador estaria atrelado ao controle da violência e as balanças de poder estabelecidas sobre quem os detém em maior e menor grau. Gerando, no tocante à pessoa com deficiência, novos entendimentos do que seria aceitável e não aceitável e, por fim, em como chega à escola, a qual não se encontra alheia a tudo que já foi desenvolvido até aqui.

Logo, Quintaneiro (2010, p.71) caracteriza o processo civilizatório como “um movimento de longa duração, não intencional ou planejado pelos indivíduos e grupos que nele participam”. E que estaria intrinsecamente ligado à “moderação dos impulsos da vida instintiva e afetiva, à pacificação das condutas, as formas mais complexas de organização política e divisão do trabalho” (QUINTANEIRO, 2010, p.71).

Ao tratar da história da criança e da infância brasileira, Sarat e Xavier (2012) afirmam ser esta constituída de alguns elementos, os quais são: a família, a escola e a sociedade, sobre o qual ressaltamos em nosso trabalho o papel da escola, no qual elas afirmam: "A escolarização que representa o reforço e a legitimação das normas e regras deste grupo social e funciona como continuidade de inserção nas relações de convivência". (SARAT; XAVIER, 2012, p.169). Relações estas, iniciadas na família e continuadas (ou expandidas) na escola e que culminaram em "relações de interdependência que completam a sociedade" (SARAT; XAVIER, 2012, p.169).

Para tais autoras "foi a partir do caráter 'civilizador da escola' que ocorreu uma intensificação da criança 'civilizada' em um processo intenso e coercitivo de suas pulsões/emoções " (SARAT; XAVIER, 2012, p.171). E que "Elias define que o processo de autocontrole social e individual, avança de acordo com a civilização." (SARAT; XAVIER; 2012, p.194).

Em suma, refletimos que o processo civilizador para Elias “se constitui, então, numa mudança na conduta e nos sentimentos humanos, através da implantação de regras comportamentais” (ELIAS, 2011, p. 193-194).

Além de concordarmos com a visão deste autor, o qual considera que foi após o estudo do processo civilizador que “evidenciou-se com bastante clareza a que ponto a modelagem geral e, portanto, a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas”. (ELIAS, 1994, p.24).

Análise do processo de individualização da pessoa com deficiência⁷

“Sendo relacional e dialógico e ao mesmo tempo singular, o ser humano se constrói no encontro com o outro e nos embates com as diferenças” (Mantoan, 2004, s/p). Partindo deste entendimento, percebemos a escola constituir-se neste espaço em que ocorre tais embates e onde tais indivíduos reconhecem suas singularidades e, ao mesmo tempo, percebem a presença do outro, como sujeito que sendo diferente de si é também possuidor de características que lhes são únicas.

A esse respeito, Mantoan (2004, 2004, s/p) afirma que:

Conviver com o outro, reconhecendo e valorizando as diferenças é uma experiência essencial à nossa existência, mas é preciso definir a natureza dessa experiência, para não se confundir o estar com o outro com o estar junto ao outro. Estar junto ao outro tem a ver com o que o outro é – um ser que não é como eu sou, que não sou eu. Essa relação forja uma identidade, imposta e rotulada pelo outro.

Logo estar com este “outro” numa perspectiva relacional seria o oposto de estar apenas na presença do outro, uma vez que é nesta relação que se percebe “o ser que não é quem eu sou”. Numa escola inclusiva seria o mesmo que perceber na convivência dos próprios alunos a oportunidade de se discutir as diferenças e de assim contribuir na construção de seus processos identitários.

Um exemplo disto é quando alunos sujeitos não-deficientes convivem com alunos que possuem alguma deficiência, sabemos que o primeiro perceberá no segundo uma limitação que este (o primeiro) não possui, mas que neste processo inverso o segundo também perceberá no primeiro, habilidades e dificuldades que o outro não possui e vice-versa.

Segundo Campbell (2009, p. 152) “todo aluno merece uma escola capaz de oferecer-lhe condições de aprender na convivência com as diferenças e que valorize o que ele consegue entender do mundo e de si mesmo”.

Desse modo, buscamos inicialmente compreender se a chegada da pessoa com deficiência teria implicado em alguma mudança no cotidiano desta escola campo de nosso estudo, e em todas as falas percebemos que havia alguma mudança nesta instituição, que

⁷ Neste tópico trazemos recortes das falas, as quais foram extraídas das entrevistas semi-padroneadas, construídas no decorrer da coleta dos dados de nossa pesquisa de Mestrado. Cabendo ressaltar que os sujeitos de nossa pesquisa foram apresentados com nomes fictícios, sendo mantidos apenas os cargos originais os quais estes ocupam nesta instituição escolar.

apesar de ter sido fundada há mais de trinta anos, percebia a inclusão como sendo um fenômeno recente.

A escola mudou muito. Mudou em relação a você trabalhar com as crianças que a gente diz “normais”, da sala regular. Que foi a partir do momento que a gente começou a mostrar pra eles que aquela criança precisava de um cuidado especial e eles aqui na escola, por incrível que pareça, eu acho muito bonito, eles tem cuidado com os meninos especiais daqui. **(Gestora Gabriela).**

Embora a Gestora Gabriela descreva a inclusão como um processo romantizado, a mesma demonstra em sua fala que a chegada destes alunos implicou em mudanças consideráveis e que a convivência com estes a fez perceber as crianças com deficiência sob um novo prisma, em concordância com esta, percebemos na fala da Gestora Giulia que é entre os alunos a maior mudança, uma vez que:

Percebo, eu percebo até no próprio alunado da escola que eles recebem bem os alunos na escola, eles aprendem com isso, **eles aprendem a respeitar**, mais do que os próprios pais, que você vê que tem pais que dizem assim: - Ah! Eu não quero meu filho estudando com esses doidos não. Mas eles (as crianças) respeitam mais que os pais. Eles cuidam dos outros, eles não mexem com as crianças deficientes. E escola ficou mais alegre com eles **(Gestora Giulia).**

Assim, percebemos na figuração aluno-aluno a possibilidade de propor novas atitudes mais favoráveis à inclusão destes, pois “o apoio ao colega com dificuldade nas salas de aula e a cooperação são atitudes extremamente úteis que tem sido pouco utilizadas nas escolas” (CAMPBELL, 2009, p.162). Além de também compreender que uma vez envolvendo os alunos em ações de respeito e de solidariedade, pais e familiares tenderão a perceber as mudanças positivas que uma escola inclusiva pode ter, e assim perceber que esta é um espaço de todos, uma vez que a educação é também direito de todos eles.

Todavia, observamos na fala da Gestora Giulia uma possível fuga acerca da discussão de como a escola precisou/precisa se resignificar, trazendo para o centro da discussão a postura dos alunos/as frente aos colegas com deficiência. Ao longo de nossa pesquisa temos compreendido que o processo de inclusão entre criança-criança seja ela com deficiência ou não, ocorre quase que de modo natural, portanto, a maior transformação que deve ocorrer no cenário escolar se refere aos profissionais da escola, as adaptações curriculares, ao espaço físico e entre outros.

Nesta mesma perspectiva vemos a fala da supervisora afirmando que a escola:

Mudou muito. Por que eu cheguei nesta escola antes de ter alunos especiais. Então foi dois anos antes, no terceiro ano que eu estava aqui foi que começamos a receber sim, dois alunos, mas eles ficavam em sala só regular. Nós não tínhamos aparelhagem, nem tampouco jogos, nem materiais que pudessem trabalhar com eles. E eu via a dificuldade que a professora tinha para ensiná-los. Um desses alunos foi transferido daqui e a menina continuou. **(Supervisora Silvia).**

Tal profissional ao mencionar os dois alunos, não somente nos permite percebê-los como sendo os primeiros a adentrar nesta escola, ocasionando novas reconfigurações, como também nos chama a atenção, para as mudanças organizacionais ocorridas após tal fato, uma vez que desta supervisora também ouvimos:

Aí foi quando a escola foi contemplada pelo programa da Acessibilidade e a Sala de Recursos, que é o AEE. Aí, foi que pudemos dar **um atendimento melhor** a essas crianças, e aí começamos a receber mais crianças, e aí hoje temos bastante. Eles recebem os alunos como igual, eles socializam, eles são amigos e não mudou não, eles respeitam as crianças com deficiência. Eu percebo isso. **(Supervisora Silvia, grifos nossos).**

Assim, ela aponta para chegada da Sala de Recursos Multifuncionais-SRM como sendo mais um aspecto que pode contribuir para a escola inclusiva, não sendo o único, uma vez que esta o reconhece como sendo “um atendimento melhor”, o que sugere o reconhecimento do outros serviços/atendimentos que já vinham sendo feitos, porém que não eram tão satisfatórios, quando comparados aos atendimentos propostos pela SRM. Observamos ainda, que apesar da mesma ter falado das mudanças organizacionais, a inclusão no tangente a figuração aluno (não-deficiente)-aluno(deficiente) volta a ser objeto de discussão, aspecto que precisa ser sempre discutido ao analisar todas as configurações, a fim de promover uma inclusão de todos, independente de suas diferenças.

A este respeito Mantoan (2004) ressalta que ao somar a estes alunos a possibilidade de serem atendidos numa Sala de Recursos Multifuncionais por meio do Atendimento Educacional Especializado, as diferenciações em decorrência daqueles que possuindo alguma deficiência se tornam público desta sala, não significando, de forma alguma, uma exclusão, uma vez que:

A diferenciação pela deficiência, neste caso, não é discriminante, pois o atendimento educacional especializado visa à remoção de obstáculos que impedem esses alunos de acompanhar, na medida de suas possibilidades, as aulas, quando incluídos nas turmas comuns (MANTOAN, 2004, s/p).

E embora a Professora Poliana justifique em sua fala que as crianças já começam a se habituar a este contexto de mudanças percebido na escola inclusiva, ao mesmo tempo, é também desta professora a percepção de que ainda há muito a ser alcançado, uma vez que para algumas crianças ainda há um distanciamento e certo estranhamento frente à presença do aluno com deficiência.

Assim, hoje as **crianças já estão mais habituadas**, mas assim, **ainda existe, existe crianças que ficam meio recuadas**, pra se aproximar dessas crianças, ficam meio assim, sem querer participar, sem querer formar grupo com essas crianças. Ficam ainda com um certo receio de se aproximar. Mas aí com o decorrer a gente vai fazendo um trabalho de interação, vai adaptando eles, conversando que todos são iguais, mostrando que devemos respeitar as diferenças, que todos são iguais independente de qualquer coisa. Todos são iguais e merecem nosso respeito (**Professora Poliana**, grifos nossos).

Dessa forma, a professora Poliana traduz as mudanças na escola sempre focalizando na figuração aluno-aluno, não refletindo ou discutindo a figuração profissionais da educação-alunos (com-deficiência), o que evidencia que há uma dificuldade relacional, consequência de uma inclusão deficitária, e que embora fosse considerado como sendo algo superado (nas falas anteriores), averiguamos ao observarmos as vivências desta escola durante nossa pesquisa, que este é um desafio ainda não superado.

Assim, atentemos para o fato de que “as escolas, como a sociedade, são espaços de choques de interesses, e o avanço da participação de um grupo implica a reavaliação do outro” (CAMPBELL, 2009, p. 155). Verificamos que a mudanças narradas pelos sujeitos de nossa pesquisa concordam com a visão dos autores da educação inclusiva, os quais percebem esta como sendo um reconhecimento social de que eles são tão sujeitos de direitos quanto nós e que a participação mais ativa das pessoas com deficiência nos espaços sociais (inclusive a escola) sugere em constante reavaliação do que se torna aceitável e do que deve ser modificado.

Considerações finais

Por fim, após realizar o presente estudo, percebemos a quantidade de elementos que temos a frente buscando discutir esta escola que se denomina como sendo uma Escola Inclusiva e cujas relações neste âmbito pedagógico podem reforçá-la neste novo paradigma ou situá-la fora desta.

Realizar o presente mapeamento, assim como trazer esta primeira análise (ainda que de modo inicial), possibilita-nos a oportunidade de discutir a escola inclusiva trazendo a importante ótica eliasiana sobre nosso objeto e nos permitindo sentir o quão novo e necessário é colocar a escola e a sociedade que temos ou queremos como centro de nossas questões.

Por esta razão, preferimos pensar em nossa pesquisa como sendo um caminho, uma estrada aberta para ir e voltar quantas vezes for preciso e, que uma vez sendo estrada, nos permita dia a dia, descobrir o novo que se propõe em nosso caminho. Eis aí um dos grandes sabores que temos percebido em ser pesquisadores, o gosto pelo inédito, pois constantemente percebemos o quanto o ser humano se reinventa, além da certeza de que as reflexões a serem construídas e realizadas no decorrer deste percurso não prometem resolver os problemas da educação pública, mas que sem dúvida contribuirão neste processo da construção de uma escola mais igualitária e mais democrática, que perceba a importância do outro enquanto sujeito e cujas relações de interdependência possam contribuir, de fato, para a efetivação de uma escola plenamente inclusiva, cujo sujeito com deficiência seja respeitado em suas especificidades e conquiste assim novos espaços sociais.

Referências

ARAÚJO, Carla. *As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia*. Educ Pesq vol.27 no.1 São Paulo Jan./June 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100010&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

CAMPBELL, Selma Inês. *Múltiplas faces da inclusão*. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2009.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. In: Revista e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> Acesso em Mar. 2016.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976> Acesso em: Ago. 2015.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

_____. *Norbert Elias: Introdução à Sociologia*. Portugal: Lisboa: Edições 70. 2008.

_____. *O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *A civilização dos pais*. In: Revista Sociedade e Estado. Vol. 27. Nº 3. Setembro/Dezembro, 2012.

FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Estudo de caso: fundamentação científica: subsídios para coleta e análise de dados: como redigir o relatório*. São Paulo: Atlas, 2009.

GLAT, Rosana; MASCARO, Cristina Angélica; ANTUNES Kátiuscia C. Vargas; MARIN, Márcia. Inclusão de pessoas com deficiência e outras necessidades especiais na escola e no trabalho. 2011. Disponível em: http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2013/04/CIEE_texto_GLAT_et_all_versao_final_agosto_2011.pdf. Acesso em: Mar. 2016.

GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola, 2004.

HUNGER, Dagmar; ROSSI, Fernanda; NETO, Samuel de Souza. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. Educ. Pesqui. vol.37 no.4 São Paulo Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400002&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

LAROCAL, Liliana Müller e MARQUES, Vera Regina Beltrão. Higienizar, cuidar e civilizar: o discurso médico para a escola paranaense (1920-1937). Interface (Botucatu) vol.14 no.34 Botucatu July./Sept. 2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000300014&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

LUCENA, Ricardo Figueiredo de. Norbert Elias: Corpo, Educação e Processos Civilizadores. In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador. 1 a 4 de abril de 2007. Campinas, SP. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Ricardo_Lucena.pdf Acesso em: Mar. 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. Evolução da pesquisa em educação. In: _____. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 9. ed. São Paulo: EPU, 2005 (Temas Básicos de Educação e Ensino).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito à diferença nas escolas: questões sobre a inclusão escolar de pessoas com e sem deficiências. In: Revista de Educação Especial de Santa Maria,

2004. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2004/01/a2.htm> Acesso em: Mar. 2016.

RÖHR, Ferdinand. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. *Pro-Posições*, v. 18, n. 1 (52) - jan./abr. 2007.

REIS, Márcio Carneiro dos. Do espaço do sujeito ao espaço mundial: uma nova maneira de aprender a realidade. *Soc. estado*. vol.17 no.2 Brasília Dec. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922002000200009&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. *Pesquisa em educação: métodos e epistemologias*. 2. ed., Chapecó: Argos, 2012. 212 p. (Coleção Grandes Temas, v. 17).

SARAT, Magda; XAVIER, Nubea Rodrigues. Infância, literatura e o processo civilizador da escola. Magda Sarat, Reinaldo dos Santos (Org.) In: *Sobre processos civilizadores: Diálogos com Norbert Elias*. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p.169-200.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica. *Educ. Soc.* vol.34 no.122 Campinas Jan./Mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000100011&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

_____. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educ. Pesqui.* vol.28 no.1 São Paulo Jan./June 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

SOBRINHO, Reginaldo Celio e ALVES, Edson Pantaleão. A relação família e escola em um contexto de escolarização do aluno com deficiência: reflexões desde uma abordagem sociológica figuracional. *Educ. rev.* no.49 Curitiba July/Sept. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000300018&lang=pt Acesso em Janeiro de 2016.

TOZZI, Juliana Bernardes. Educação, infância e leitura: contribuições da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias. *Pro-Posições* vol.24 no.2 Campinas May/Aug. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000200010&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

VEIGA, Cynthia Greive. Conflitos e tensões na produção da inclusão escolar de crianças pobres, negras e mestiças, Brasil, século XIX. *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.1, pp. 263-286. ISSN 0102-4698. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000100013>. Acesso em: Jan. 2016.

_____. A escolarização como projeto de civilização. *Rev. Bras. Educ.* no.21 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300008&lang=pt Acesso em: Jan. 2016.

QUINTANEIRO, Tânia. *Processo Civilizador, sociedade e indivíduo na teoria sociológica de Norbert Elias*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Artigo recebido em: 30/04/2016.

Artigo aceito em: 29/06/2016.

Artigo publicado em: 05/07/2016.